

A profissão do conservador-restaurador

Márcia Braga

A profissão do conservador-restaurador de obras de arte, de arquitetura e de sítios vem se transformando com o passar dos tempos. Até o início do século XX, a função de resguardar as obras era confiada a técnicos ou artesãos específicos de cada área.

Porém, já no século XIX duas correntes se destacaram como tendências antagônicas, encabeçadas por Viollet-le-Duc na França e John Ruskin na Inglaterra. O primeiro tinha um caráter intervencionista. Considerava que complementos eram necessários e estes eram feitos baseados em estudos estilísticos. Remoções de acréscimos também eram executadas, sempre tendo em conta a unidade estilística da obra. O segundo defendia uma postura unicamente de conservação. Só eram aceitáveis trabalhos de consolidação e tratamentos estéticos eram considerados desnecessários.

A evolução desses conceitos resulta na teoria do restauro crítico criada por Cesari Brandi na década de 1930 na Itália. Brandi estabelece critérios para intervenções de restauro, onde são considerados tanto valores estéticos e quanto históricos. Reintegrações são permitidas desde que preservando a autenticidade da obra. O tratamento das lacunas deve ser reconhecível quando visto de perto, buscando o que ele denominou de unidade potencial da obra. Dois princípios básicos foram estabelecidos: o de utilizar materiais reversíveis e o da mínima intervenção. Quando não é possível o uso de materiais reversíveis, deve-se procurar por aqueles que aceitem novos tratamentos, o que foi denominado como o terceiro princípio, o da compatibilidade.

Hoje muito se avançou técnica e cientificamente. Trabalha-se em conjunto com vários profissionais (historiadores, críticos de arte, químicos, geólogos, biólogos ...) que fornecem informações importantes para caracterização dos materiais, seus estado de conservação e contextualização da obra no seu tempo. O profissional atual de conservação e restauração deve estabelecer uma metodologia de trabalho que integre essas informações, para que sua intervenção seja o resultado de uma pesquisa que considera as reais necessidades e possibilidades de ação daquele momento.

Num primeiro passo, deve-se reconhecer os valores da obra em questão, sejam eles artísticos, religiosos, históricos, científicos, culturais, sociais ... Evidências históricas e características da sua fabricação mostrarão a autenticidade da obra. Não é fácil considerar igualmente todos os significados que possui uma obra, sem que não tenhamos que valorizar mais algum em detrimento de outro. Em seguida devemos compreender a obra dentro de seu contexto. Pode ser parte de um conjunto ainda existente, ou não.

É importante conhecer e documentar o estado de conservação da obra e procurar saber sobre a velocidade do processo de degradação. Fica então evidente a importância do monitoramento, que é um indicador de ações para preservação, antes que sejam necessárias intervenções de restauração propriamente.

Um primeiro exame da obra deve identificar os processos de deterioração, as alterações e perdas de material. Testes feitos no local e análises laboratoriais contribuem para o conhecimento das técnicas e materiais originais, assim como evidenciam os processos de deterioração e restaurações anteriores. Estas análises são dispendiosas e portanto devem ser feitas com um objetivo específico, que é estabelecido pelo conservador-restaurador. As informações obtidas devem atestar a extensão dos problemas para então estabelecer-se uma ordem de prioridades de intervenção. É de responsabilidade do profissional conservador-restaurador contemporâneo coordenar as investigações nas diversas áreas com a finalidade de cobrir o mais extensamente possível os conhecimentos material e teórico sobre a obra, para preservá-la em sua integridade atual.

As principais causas para a degradação de uma obra são normalmente provocadas por ações do homem. Compreendê-las é um fator importante para a efetiva conservação dos bens. A situação ideal é aquela onde a restauração é desnecessária devido à constante e bem sucedida manutenção. Para tal, a conservação de um bem deve ser pensada dentro de um contexto econômico, político e urbano.

Dentro desta ótica, os trabalhos de conservação e restauro adquirem novas atribuições. A artesanaria continua importante, mas não é o suficiente para de fato chegarmos a resultados eficazes.